

## **A emoção como argumento no jornalismo: estratégias discursivas do *pathos* na Folha de São Paulo<sup>1</sup>**

Adélia Barroso Fernandes<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O *pathos*, ou a emoção, é uma condição necessária e não uma contradição aparente do discurso jornalístico e promove uma ligação entre os interlocutores num contrato de comunicação. O jornalismo impresso pode utilizar-se dos efeitos da dramatização e do ludismo, por exemplo, buscando tocar o afeto do receptor, provocar nele certo estado emocional que seja favorável a uma visada de influência do produtor da notícia. Explicitaremos algumas formas de patemização, tentando recuperar pistas da emoção em alguns dados lexicais e sintáticos e no uso de termos comuns partilhados na nossa cultura. Para isso, tomaremos dois *corpora* publicados no jornal *Folha de São Paulo*: uma matéria de 2008, intitulada “*Aluna com paralisia depende da mãe para assistir à aula*” e uma crítica do *Ombudsman* a essa notícia.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; argumentação; emoção; *pathos*; *Folha de São Paulo*.

Gostaríamos, com esta apresentação, de recolocar o *pathos*, ou seja, a emoção como uma condição necessária e não como uma contradição aparente do discurso jornalístico. Comunicar implica, especialmente na mídia, nas palavras de Muniz Sodré (2006), usar a emoção e a estética do afeto, do sensível, como espaços de construção do senso comum e de ligação dos seres humanos. A dimensão patêmica está, assim, expressa em qualquer discurso, inclusive no jornalístico.

Para Sodré (2006, p.27), a distinção entre *pathos* e *logos* na sociedade ocidental trouxe uma dicotomia radical entre paixão e juízo. O autor lembra que Aristóteles observou que as paixões são sentimentos que alteram os homens, a ponto de afetar seus juízos e vêm acompanhados de dor e prazer, ira, compaixão, medo e seus opostos. Mas,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Adélia Barroso Fernandes é graduada em Jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Comunicação Social pela UFMG e doutorando em Linguística pela UFMG. Atua como professora e pesquisadora do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH).

mesmo Aristóteles, de acordo com Sodré (2006), reconhecia que tudo nascia do *pathos*, da curiosidade, do medo ou da preocupação.

Vocabulário mais moderno da afetividade, a emoção deriva do latim *emovere*, *emotus*, referindo-se a movimento energético ou espiritual em direção ao outro, capaz de afetar organicamente o corpo humano. *Emotus* significa então abalado, sacudido, posto em movimento. A emoção, colocada em cena pelo orador, pressupõe sempre a relação com o receptor, dito de outra maneira, pressupõe a presença do receptor no discurso. (Sodré, 2006, p.29).

Essa relação torna-se possível no jornalismo, entre outras razões, porque ele traz, mesclado em suas páginas, os discursos mais ou menos conhecidos na sociedade, compartilhando o que Charaudeau (2002) chama de competências semânticas. Essas competências semânticas não são apenas as aptidões para usar a língua, mas para reconhecer as diversas situações das trocas languageiras.

Tanto Charaudeau, na Semiolingüística, quanto Sodré, na Teoria da Comunicação, acreditam que ingredientes emocionais podem resultar em efeitos mais completos e mais libertadores do que matérias que seguem apenas as regras do *logos* e da demonstração racional.

O jornalismo, assim como todo discurso, está inserido num contrato de comunicação que envolve os sujeitos produtores da notícia, os sujeitos receptores e o produto, ou seja, a própria notícia. Esse contrato de comunicação entre a instância jornalística e seus receptores baseia-se, segundo Charaudeau (1995), nas estratégias de legitimidade, de credibilidade e de captação.

A estratégia de legitimidade é externa ao sujeito falante e se origina do estatuto mais ou menos institucional do locutor. É a legitimidade que dá o poder de dizer. Essa legitimidade geralmente é explicitada com a publicação do nome da empresa de comunicação, dos diretores do jornal, dos editores, do repórter. Já a credibilidade, ainda de acordo com Charaudeau (1995), é uma estratégia que vai sendo adquirida ao longo do processo de trocas languageiras. Para ser ouvido, o locutor deve ser julgado como aquele que diz a verdade. Encontram-se, nesse espaço, as estratégias que tendem a comprovar a habilidade do locutor em “saber dizer”. O jornal, por exemplo, usa diversos recursos, como o detalhamento do local, fotos, números, nomes, testemunhas, apresentação do saber de especialistas, entrevistas, etc.



A terceira estratégia que funda um contrato de comunicação é a de captação, a que faz uso mais freqüente do *pathos*. Conforme Charaudeau (1995), a estratégia de captação consiste em tocar o afeto do auditório, em provocar nele certo estado emocional que seja favorável a uma visada de influência do sujeito falante.

No jornalismo, Charaudeau (1996, p. 31) distingue três objetivos que atendem à estratégia de captação: o objetivo informativo, que tem o princípio da novidade, ou seja, o de transmitir fragmentos de saber que o leitor parece ignorar. O objetivo persuasivo, que consiste em fazer crer alguma coisa ao outro, com argumentos não contraditórios, com rigor lógico, fazendo o outro aderir a seu universo de discurso. E o objetivo sedutor, que pretende o controle do outro, agradando-o, fazendo-o sentir prazer, emoções, usando de discursos não racionais, da verossimilhança com o ficcional, do imaginário mítico, dos jogos de palavras.

Para alcançar a estratégia de captação, o jornalismo pode utilizar-se dos efeitos de dramatização e do ludismo, por exemplo. A dramatização, no discurso jornalístico, é aparente nos relatos de tragédias, medos, grandes e pequenas histórias do cotidiano. O lúdico é conseguido através de recursos jornalísticos misturados à poesia, à aventura, à ficção, ao cinema, etc.

Plantin (1999b) apresenta algumas possibilidades de se utilizar técnicas de análise discursivas que permitam recuperar a emoção nas argumentações explicitadas em certos dados lexicais e sintáticos, em termos comuns que evocam manifestações emocionais relativamente fixas numa cultura. Alguns assuntos, por exemplo, têm muito apelo emocional, como infância, vitimização de pessoas inocentes, catástrofes, perdas, mortes, piedade, caridade e medo.

As provas do *pathos* na argumentação podem apoiar-se em valores que são mais abstratos, como a idéia de Deus e Estado, ou valores mais concretos, como justiça, caridade, amizade, solidariedade, fidelidade e lealdade, segundo Perelman (2005, p. 87).

A argumentação patêmica tenta levar o interlocutor a construir hierarquias (maior, menor, mais justo, menos justo), a estabelecer lugares comuns de quantidade (tudo, nada, alguns, nenhum, eventualmente) e qualidade, a enaltecer os sacrifícios e a entender os sentidos pretendidos por analogias e metáforas. Ou seja, as emoções, de um modo geral, seguem regras racionais de acionamento, com causas e conseqüências mais

ou menos bem definidas. As marcas lingüísticas e culturais da emoção podem, então, ser reconstruídas e analisadas.

Ingedore Koch (2006, p. 33), ainda que não trate dessa questão, ao falar sobre as marcas de argumentação, classifica cinco dessas marcas: 1) as pressuposições, em que a argumentação se sustenta a partir de pressupostos compartilhados; 2) as intenções explícitas ou veladas do discurso; 3) os modalizadores, que revelam a atitude do enunciador, se é de crítica, de pedido, de ordem etc; 4) os operadores argumentativos ou conectores (enunciados que orientam o interlocutor para um sentido) e 5) as imagens que os interlocutores têm de si.

Esses efeitos emocionais de captação devem basear-se nos discursos e apelos que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos universos de crenças que circulam nessas comunidades. Isso requer dos jornalistas uma fina sintonia com seu tempo, com o senso comum de sua comunidade e com os enfoques que tal comunidade daria a cada evento escolhido pelos jornalistas para tornar-se notícia.

A fim de verificar o uso da emoção no jornalismo, tomaremos dois *corpora*. O primeiro é uma matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo* no dia 26 de fevereiro de 2008, intitulada “*Aluna com paralisia depende da mãe para assistir à aula*”. O segundo é uma crítica do *Ombudsman* da *Folha de São Paulo* a essa notícia, publicada no dia 2 de março de 2008, intitulada “*A história de Natasha*”. Vamos, com esses corpora, tentar evidenciar as construções emocionais do discurso. A matéria do dia 26 de fevereiro de 2008 é assinada por Afra Balazina:

### Aluna com paralisia depende da mãe para assistir à aula

Escola estadual não tem rampa de acesso; menina precisa de apoio para subir as escadas. Funcionária e professora auxiliaram Natasha em 2007, tarefa que agora cabe à mãe; secretaria diz que vai mudar a classe dela para o térreo



*Natasha, 9, com a mãe, Martinha; ela tem paralisia cerebral e depende da ajuda da mãe para ir à escola*

Natasha Batista, 9, aluna do 2º ano do ensino fundamental, tem um bom desempenho escolar, mas só consegue acompanhar as aulas com a presença da mãe. Isso porque precisa subir dois lances de escada de 13 degraus para chegar à sua sala, no colégio estadual Arthur Guimarães, em Santa Cecília (centro de São Paulo) e não tem ninguém para ajudá-la a tomar o lanche e ir ao banheiro.

A aluna tem paralisia cerebral - o que não afeta sua capacidade intelectual, mas lhe causa problemas motores e de fala. Natasha anda de cadeira de rodas e, sobe as escadas com a ajuda da mãe, que a segura.

Desde que as aulas começaram, a empregada doméstica Martinha dos Santos, 38, deixou de trabalhar pela manhã para ficar na sala de aula.

Em 2007, a estudante teve o auxílio de uma funcionária por cerca de dois meses. Entretanto ela foi demitida e, no restante do ano, a própria professora se comprometeu a auxiliá-la. "Não era obrigação da professora. Mas acho que a escola, sim, tem que dar condições para a minha filha estudar sem eu estar junto", diz Martinha.

Natasha nunca reclama de ter de ir para a escola. "Adoro encontrar meus amigos", diz. Sua mãe conta que ela é estimulada pelas outras crianças e quer fazer tudo o que as demais fazem. "É também bagunça."

A doméstica comprou até um notebook para a filha conseguir anotar as aulas- a dificuldade motora impossibilita que Natasha escreva à mão. "Faço tudo o que posso para melhorar a vida dela, não meço esforços."

A notícia apresenta-se como um discurso relatado, utilizando-se de verbos no presente e pretendendo manter o enunciador numa certa distância dos acontecimentos. Essa matéria é modalizada por uma atitude denunciativa. Para isso, parte de uma pressuposição argumentativa: é dever do Estado dar condições para uma criança freqüentar a escola. A notícia mostra uma situação irregular de assistência à pessoa com necessidades especiais.

O objetivo informativo é alcançado, afinal o jornal faz saber para um público maior aquilo que estava restrito apenas aos co-participantes do evento. Já para obter o

objetivo persuasivo, ou seja, fazer os leitores acreditarem na história, são apresentados detalhes como os nomes, as idades e as profissões dos personagens, a foto, o endereço da escola, as datas, o número de degraus na escadaria, etc.

A matéria usa o efeito de dramatização no objetivo sedutor para captar o receptor e fazê-lo aderir emocionalmente ao argumento principal da notícia. A construção emocional ajuda o leitor a apoiar a tese da notícia: o Estado não tem cumprido seu papel. Esse argumento aparece no título, na chamada, na foto e na matéria, em graus diferentes de apelo patêmico.

O título provoca um estranhamento, porque relaciona papéis sociais numa situação errada. Aluno relaciona-se com professores, funcionários de escola. Mães se relacionam com filhos. Parece haver um equívoco no desempenho de um papel social, o da mãe. O destaque é para a relação de dependência entre a aluna e a mãe. Se a aluna depende da mãe, é porque as instituições escolares têm uma falha.

Na chamada, os argumentos são colocados de forma encadeada, em gradação crescente com intenção de ressaltar os aspectos negativos. As informações são como passagem, uma levando a outra, levando o leitor à indignação. Escola não tem rampa; menina precisa de apoio; funcionários auxiliaram em 2007; agora a mãe ajuda; secretaria diz que vai mudar classe para o térreo. A última informação soa como o mínimo a fazer, depois dos descasos.

No início da matéria há um argumento positivo “*Natasha Batista, 9, aluna do 2º ano do ensino fundamental, tem um bom desempenho escolar*” que é ligado a um argumento negativo pelo conector *mas* “*mas só consegue acompanhar as aulas com a presença da mãe*”. O *mas* quebra a seqüência argumentativa, apresentando um argumento mais forte e mais negativo, nesse caso. O que fica é o argumento com força negativa, ou seja, a ausência do Estado. O texto começa com uma informação positiva e, logo em seguida, apresenta a informação que será o fio condutor da argumentação e das provas do *pathos*: o esforço sobre-humano que é necessário para que esse elemento positivo, o bom desempenho escolar aconteça. Na ausência do Estado, a mãe se encarrega da aluna. A frase seguinte a esse argumento justifica e conclui o raciocínio: *Isso porque precisa subir dois lances [...] e não tem ninguém para ajudá-la a tomar o lanche e ir ao banheiro*. Subtende-se que deveria ter alguém para ajudá-la, a mãe está

cumprindo a tarefa de outra pessoa. O conector e (*e não tem ninguém*) soa como se, além de tudo que a mãe já faz, tem que dar lanche, levá-la ao banheiro.

Uma estratégia emocional comum no discurso jornalístico é contar histórias de personagens do cotidiano que têm ingredientes interessantes. Nessa matéria, temos duas personagens principais, que são descritas ao leitor.

A primeira é uma criança, e acontecimentos que envolvem a infância geralmente afetam a sensibilidade. A matéria começa usando uma denominação genérica “aluna” no título; depois passa a tratá-la como “menina” na chamada, e na matéria chama-a pelo nome Natasha. Há um envolvimento crescente de intimidade que vai permitindo aos leitores conhecerem a aluna, que tem bom desempenho escolar; a menina, que precisa subir escadas, ir ao banheiro e lanchar; a Natasha, que adora os amigos e a bagunça. A personagem vai tomando características mais humanas e menos formais.

Na apresentação da personagem, o conector *mas* é usado para correlacionar a paralisia cerebral e suas conseqüências na vida da menina e como uma retificação de que paralisia não afeta sua capacidade intelectual e sim a suas capacidades de fala e motora. A criança é mostrada com um exemplo de superação, pois, além de ser vítima de uma doença grave, é também vítima de um sistema educacional excludente. Os obstáculos ressaltam as características positivas atribuídas à menina: é freqüente, boa aluna, alegre, gosta de interagir com os colegas e nunca reclama.

Mais à frente, o texto usa expressões que dão uma dimensão enorme do lugar que a escola tem na vida da Natasha, ao afirmar que ela *nunca* reclama de ter de ir a escola; *Adoro* encontrar meus os amigos; quer fazer *tudo*; e *também* bagunça, no sentido de inclusive, como qualquer criança.

O mesmo processo gradativo ocorre com a personagem da mãe, que vai tendo feições mais definidas. Uma mãe que ajuda a filha a acompanhar as aulas, a subir escadas, dar o lanche e levá-la ao banheiro. Nos dois primeiros parágrafos aparecem seus esforços físicos, seus atributos para resolver as questões práticas de mobilidade da filha. *Só consegue* acompanhar as aulas com a *presença da mãe*. Natasha anda de cadeira de rodas e *sobe as escadas com a ajuda da mãe*. *E não tem ninguém* para ajudá-la a tomar o lanche e ir ao banheiro.

No terceiro parágrafo, a personagem adquire características relacionadas à sua vida profissional e pessoal e o quanto seu sacrifício é persistente. *Desde que as aulas*



*começaram* (ou seja, já faz tempo que as circunstâncias às quais essa notícia se refere continuam), *a empregada doméstica Martinha dos Santos, 38 anos*, (sabemos agora sua profissão, seu nome e sua idade) *deixou de trabalhar* (sacrifica-se pela filha, abre mão de alguma coisa, provavelmente remuneração financeira mais adequada), *para ficar na sala de aula* (sua vida profissional e pessoal estão prejudicadas porque precisa estar com a filha).

No parágrafo seguinte, o argumento é de que a situação vem se arrastando sem solução há um tempo. Em 2007 houve uma saída provisória, na qual a professora e uma funcionária ajudaram por dois meses. Dois meses é pouco num calendário escolar de um ano. O conector *entretanto, no restante do ano* marca esse raciocínio. É nesse parágrafo que outra característica da mãe é ressaltada, de uma pessoa reivindicadora. Ela reconhece o esforço da professora e cobra solução e apoio institucional: *Não era obrigação da professora. Mas acho que a escola, sim, tem que dar condições para a minha filha estudar sem eu estar junto*. Além do conector *mas* reforçar o próximo argumento, a construção começa com um não e reafirma a posição da mãe com um sim, retificando sua posição.

A gradação também é utilizada para mostrar o quanto a mãe se empenha pela filha. O texto vai mostrando uma mãe que não apenas acompanha fisicamente a filha, segurando-a, dando lanche, levando ao banheiro, como uma mãe que deixa de trabalhar e *até*, ou seja, faz algo muito dispendioso, compra notebook. A frase final é o ápice dessa gradação argumentativa: *Faço tudo o que posso para melhorar a vida dela, não meço esforços.*"

A narrativa da conduta da mãe aproxima-se do imaginário mítico de mãe que dá a vida pelos filhos. É a mãe heroína dos tempos modernos: trabalhadora incansável, zelosa, incentivadora, reivindicadora, capaz de grandes sacrifícios.

A matéria tem uma atitude denunciativa e emocionada ao ressaltar um contraste, qual seja, o de mostrar a sobrecarga da mãe para comprovar a ausência do Estado. A mãe faz muito porque o Estado não faz nada. A história aciona a emoção tratando de contar uma história envolvendo uma criança, vítima de uma situação que poderia ser evitada pelos responsáveis políticos, acionando sentimentos comuns de piedade, solidariedade e indignação. O argumento principal que move a matéria é de que há um descaso da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo e não fossem a atitude



persistente e heróica da mãe e a colaboração generosa de professores e funcionários, a menina estaria fora da escola.

Além do texto escrito, a notícia tem uma foto. Nela vemos, de certa maneira, a alegria da menina e o esforço da mãe. Natasha tem uma beleza infantil natural e bem cuidada. Seus cabelos, dentes e uniformes estão limpos. Parece querer jogar-se para a vida, olhando a câmera fotográfica com interesse.

A mãe dá o apoio necessário para que a filha avance, deixando-a agarrar-se ao seu pescoço e curvando-se levemente. Ela sustenta a filha para que brilhe. A mãe deixa a filha mais alta, dando a ela mais visibilidade e importância. Percebe-se também que a mãe não usa brincos, tampouco maquiagem, ela não olha para a câmera, olha para frente, preocupa-se com caminho, parece que vê um futuro. A foto é um ícone, ou seja, leva o receptor a um fácil entendimento, não requer dele uma abstração enorme para perceber que a mãe representa uma Madona, a clássica representação de mãe com seu filho no colo.

No dia 2 de março, o *Ombudsman* da *Folha*, Mário Magalhães, chama a atenção para essa matéria.

## A história de Natasha

Apesar de não dar destaque na primeira página, a *Folha* contou um caso comovente e abriu caminho para melhorar a vida de quem carece de ajuda

A FOLHA não deu muita pelota para a reportagem, excluindo-a da primeira página, mas na terça-feira teve um momento de jornalismo supimpa: revelou uma maldade contra uma criança, contou uma história comovente e abriu caminho para melhorar a vida de quem carece de ajuda.

A repórter Afra Balazina mostrou que a empregada doméstica Martinha deixou de trabalhar durante as manhãs para acompanhar a filha Natasha na escola em São Paulo. Com paralisia cerebral, a menina de nove anos precisa de auxílio para subir 13 degraus, na hora do lanche e na de ir ao banheiro. A doença não afeta a capacidade intelectual, mas a motora, da boa aluna. O colégio público não tem professor ou funcionário para socorrer Natasha. Nem rampa para a cadeira de rodas. Em vez de instalar a classe no térreo, deixou-a no andar de cima, aonde se chega de escada.

A mãe não pode pagar alguém para estar com a filha. Assume, ela mesma, o dever do Estado: assegurar condições de estudo. "Faço tudo o que posso para melhorar a vida dela", disse Martinha.

O caso da mãe amorosa, além de molhar com lágrimas o papel do jornal, expõe como a administração pública, em todos os níveis, tantas vezes (mal)trata a infância.



E como burocratas são incapazes de solucionar problemas simples -a transferência da turma para o piso inferior acabaria com parte deles.

Conforme escrevi na crítica diária, "a presença de Natasha em uma escola regular é um presente às outras crianças. Como disse um médico, elas têm a chance de conviver com quem é diferente". Ainda na terça, por ordem da Secretaria Estadual da Educação, a escola passou a turma de Natasha para o térreo. Prometeu-se uma equipe para atender a menina. O jornal fará bem se monitorar o cumprimento da promessa.

A argumentação patêmica do artigo do *Ombudsman* baseia-se em dois pilares: a história da Natasha e o papel da atividade jornalística.

O discurso é comentado, usando verbos no passado e ressaltando a negação (*não deu, revelou, contou, mostrou, deixou-a, passou, prometeu-se*) e apresenta de forma clara sua posição em relação ao tema e aos acontecimentos (*um caso comovente, abriu caminho para melhorar a vida de quem carece, momento de jornalismo supimpa, revelou uma maldade, socorrer Natasha, assume ela mesma o dever do Estado, mãe amorosa, a administração pública maltrata a infância, burocratas são incapazes, o jornal fará bem se monitorar*)

Ele pede que o jornalismo use sim da emoção, conte histórias comoventes, ajude a mudar a vida das pessoas e cumpra seu papel social de vigiar o poder público no cumprimento do seu dever.

O título já faz uma aproximação do personagem, não é uma aluna, uma criança, é a Natasha.

A chamada começa com o conector *apesar*, antecipando a conclusão contrária ao primeiro argumento. A argumentação positiva é ressaltada na segunda frase, elogiando o jornal, que mesmo não dando destaque à notícia, fez um bom serviço. No início do texto, o autor repete essa estratégia, colocando o conector *mas* entre o argumento negativo inicial e o argumento positivo final.

O artigo utiliza-se de gírias e termos mais coloquiais, como se fosse um dos leitores, colocando-se muito próximo dos receptores: (*pelota, supimpa, amorosa, molhar com lágrimas*), como se estivesse conversando com pessoas próximas, mais íntimas e para deixar clara sua posição, talvez irônica, contra o jornalismo e sua aparente formalidade textual.

O argumento também é apresentado de forma gradativa para levar a uma conclusão: *O colégio público não tem professor ou funcionário para socorrer Natasha. Nem rampa. A mãe não pode pagar alguém. Assume, ela mesma, o dever do Estado.*

O jornalista usa expressões fortes: não deu *muita* pelota, jornalismo supimpa, uma *maldade*, quem *carece* de ajuda, *não tem* professor ou funcionário *para socorrer* Natasha, *Nem* rampa. *Em vez de* instalar a classe no térreo. A mãe *não pode* pagar. *O dever* do Estado. *Em todos os níveis (mal)trata* a infância. Burocratas são *incapazes*.

Na opinião do *Ombudsman*, o recurso emocional está justificado: *o caso da mãe amorosa, além de molhar com lágrimas o papel do jornal* (some-se a isso), *expõe como a administração pública, em todos os níveis, tantas vezes (mal)trata a infância*. O apelo aos sentimentos de solidariedade e piedade estaria perfeitamente justificado por uma causa tão nobre, ajudar quem carece e denunciar um erro dos burocratas do Estado.

Finalmente, ele chama a atenção para uma função do jornalismo na democracia contemporânea, que é o de vigiar as instâncias governamentais: *Prometeu-se uma equipe para atender a menina. O jornal fará bem se monitorar o cumprimento da promessa*.

Como conclusão, gostaríamos de ressaltar nosso propósito nessa apresentação que é o de tentar demonstrar que o *pathos*, ou a emoção, promove uma ligação entre os interlocutores num contrato de comunicação. A estratégia de captação, assim como a legitimidade e a credibilidade, está presente em qualquer discurso, inclusive no jornalístico.

A emoção não se trata de um elemento negativo do debate no espaço público. Ao contrário, a dimensão argumentativa a favor dos direitos da infância, como nas matérias que vimos, parece ganhar força ao tentar colocar o leitor em contato com histórias de vida e personagens reais. Então, o uso da emoção pode levar a resultados práticos tanto quanto a demonstração, por números estatísticos, das escolas que não têm rampa, por exemplo.

Nesses corpora, percebemos as pressuposições argumentativas, a ausência do Estado na assistência a alunos com necessidades especiais; as intenções do discurso, tornar público um caso de falta de assistência governamental; os modalizadores, denunciando uma situação e pedindo providências; e os diversos operadores argumentativos ou conectores, que orientam o interlocutor para um sentido. A Análise do Discurso é um recurso metodológico que possibilita, assim, a explicitação de algumas formas de patemização, tentando recuperar pistas da emoção em certos dados lexicais e sintáticos e no uso de termos comuns de uma cultura.

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, P. **Ce que communiquer veut dire**. Sciences Humaines. s/l: n° 51, juin, 1995.

\_\_\_\_\_. Des conditions de la mise en scène du langage. In: DÉCROSSE, A. **L'esprit de société**. Liège: mardaga, 1993. p. 27-65.

\_\_\_\_\_. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006. 285 pg.

\_\_\_\_\_. **Conferência no II Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso**. Belo Horizonte: UFMG, maio de 2002.

\_\_\_\_\_. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho (org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, p. 43-55, 1996.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2006.

MUNIZ, Sodrê. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PLANTIN, Christian. **Les raisons des émotions**. Disponível em: <<http://icar.univ-lyon2.fr/membres/CPlantin/documents/1999b.doc>>. Acesso em 01 março 2008.